Caros (as) professores (as),

Remeto a Newsletter n.º 4 (ano letivo 2023/2024), do DGE.

Próximos eventos:

Aula Aberta - Eu cito. Tu citas. Nós referenciamos" - Normas APA - 19h00 - Citar e referenciar sem stressar" - Gerir citações e referências bibliográficas com o Mendeley - 20h00 – 13/10/2023

Divulgações:

As inscrições para o evento e para os workshops podem ser feitas aqui, em anexo enviamos o programa.

Notícias:

Artigos de opinião:

Remunerar o talento – Joaquim Paulo Conceição – Região de Leiria – 04/10/2023

Copos a transbordar

Nuno Reis

Na língua e cultura inglesas é aplicado o princípio Goldilocks a muitas áreas. A Goldilocks - a menina que em português se chama Caracolinhos Dourados - chega a uma casa na floresta habitada por uma família de ursos. Aí encontra uma cadeira muito grande, outra muito pequena e uma do tamanho ideal. Existe também uma cama muito grande, outra muito pequena, e uma terceira do tamanho certo. Bom, não vou contar a história para não fazer nenhum spoiler, mas esta é uma alegoria de que existe um tamanho ótimo para muitas coisas. Nas ciências foi detetado muitas vezes este princípio - com o nome pomposo de "relação curvilínea". Por exemplo, para que estejam reunidas as condições para haver vida num planeta ele deverá estar "à distância perfeita" da sua estrela: nem demasiado próximo que o faz ser escaldante, nem demasiado longe, que o torna demasiado gelado. Este princípio é transposto para a cultura portuguesa com metáforas sobre sal na comida ("nem demais, nem de menos"), ou com copos de água (vazios de pouco servem, a transbordar são um desperdício). Lembrei-me destas comparações no passado fim-de-semana, em que tivemos dois exemplos de copos a transbordar. À escala local, tivemos o Leiria Sobre Rodas. Uma exposição de veículos motorizados especiais (pela idade, história, singularidade, etc.), com exibições de pilotos famosos, que entusiasma fãs e atrai multidões. É mais um evento na cidade, depois da mostra de olaria, Diáspora Fest, e Noite Amarela, elencando de memória os eventos de Setembro, a que se juntam as feiras medieval e de Natal, festivais musicais e religiosos, provas desportivas entre outras. De facto, parece não haver um fim-de-semana em que não haja um evento no espaço público de Leiria. À escala nacional, a manifestação pela habitação assinalou a insatisfação que é sentida pela dificuldade de acesso à habitação em muitas cidades. Como bem resume A Garota Não na sua música "Não sei o que é que fica", "Desalojamento local | P'ra alojamento local | No mínimo é paradoxal". Os AL que muito contribuíram para revitalizar os centros das cidades, atraíram turistas e ofereceram uma fonte de rendimento, tornaram-se o negócio em si mesmo e um dos responsáveis pela escassez e pelo aumento do custo da habitação. Numa atitude que só aprofunda desigualdades económicas e sociais, "Somos tão bons pró resto do mundo | Na nossa casa o espeto é de pau". Não sou um fundamentalista anti-turismo, ou um fanático anti-automóvel. Nem tampouco aceito o argumento falacioso de "era preferível não fazer nada!?" Penso, contudo, que falta aos nossos governantes (locais e nacionais) uma melhor aplicação do princípio Goldilocks. Tal como a Caracolinhos Dourados, também nós precisamos de uma "quantidade ótima" de eventos e de alojamentos locais. E talvez seja importante não deitar mais água em copos que já estão a transbordar.

Professor e investigador do Politécnico de Leiria
Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

Jornal de Leiria, 05/10/2023

Caminhos (im)possíveis

Vítor Hugo Ferreira

A minha última crónica nas páginas deste jornal falava não só sobre o fim do milagre chinês, como de um novo futuro que se avizinha, em que "modelos de mundo" conflituantes colidem - as democracias liberais (bloco Europa e UE) com os modelos autocráticos da China (uma tecnocracia, autocrática), da Rússia (quasi-ditadura) ou de uma Arábia Saudita (a autocracia "inspirada"). África e América Latina são disputadas por estes novos modelos de mundo. Decorreu tempo suficiente desde a segunda guerra mundial para, como muitas vezes fazemos enquanto espécie humana, voltarmos a cometer os mesmos erros. Nas novas gerações ninguém viveu verdadeiramente oprimido ou foi perseguido, por isso os populismos crescem em diversos locais. A resposta para os problemas complexos, que requerem soluções igualmente difíceis, está sempre na mensagem fácil, nas reações imediatas (a culpa é da imigração, é do Governo, é do liberalismo ou da falta dele, etc.). Somos vítimas de uma sociedade de impulso onde, curiosamente, não nos é dito o que pensar (como em ditadura) mas somos nós que caímos na pequena armadilha do algoritmo e escolhemos a informação em que queremos acreditar (o mundo tornou-se como que um grande conjunto de facções de clubes de futebol - "o meu clube é melhor do que o teu, o teu é corrupto" - os dados são escolhidos a dedo, mas metáfora do espelho é perdida no ódio). Neste contexto, é difícil tomar decisões de longo-prazo. Portugal tem uma situação instável e tem sofrido muito com a inflação, mas por outro lado o seu *rating* foi revisto em alta na última semana e o PIB cresceu, em termos reais, 6,8% em 2022 (a maior taxa desde 1987). Aqueles que falam do crescimento da R. Checa, Eslovénia, Polónias, etc., esquecem-se do argumento da centralidade e da educação (já nestas páginas debatido) mas, num contexto de recessão alemã e estagnação do BI, o nosso desempenho económico é bastante bom. O problema é que Portugal é um dos países da OCDE com maior desigualdade de rendimento, pelo que este crescimento não tem chegado a todos. Por outro lado, uma opção ideológica do Governo de não fazer crescer salários dos funcionários públicos, tem deteriorado os serviços públicos (com impacto na população que mais necessita deles) - curiosamente, muitos partidos que apontam este falhanço são os mesmos que apontam o dedo ao peso do Estado (número de funcionários, salários de professores e médicos, etc.), quando este é já bem inferior à média da OCDE. Neste contexto, com crises climáticas e migratórias, dificilmente os modelos democráticos liberais irão sobreviver incólumes. Portugal precisa de melhorar os seus serviços, canalizar investimentos de forma inteligente (falta uma clara aposta na cadeia de valor da mobilidade elétrica, que é uma tremenda falha no rol do nosso PRR), continuar a atrair investimento, melhorar qualificações, etc. E para regiões como a nossa nunca foi tão importante pensar o futuro. Será que ainda é possível?

Com crises climáticas e migratórias, dificilmente os modelos democráticos liberais irão sobreviver incólumes

Director-geral da Startup Leiria
Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

Jornal de Leiria, 05/10/2023

Segue-nos nas redes sociais: